

Gabrielle Éboli

Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e membro do corpo editorial do Cosmopolítico

THE CROWN (terceira temporada). Criado por Peter Morgan. Produção de Peter Morgan, Suzanne Mackie, Stephen Daldry, Andy Harries, Benjamin Caron, Matthew Byam Shaw e Robert Fox. Reino Unido: Netflix, 2019. (528 min.)

FIGURAS POLÍTICAS E SUAS REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS: UMA ANÁLISE SOBRE A SÉRIE THE CROWN

Lançada em 2016 como produção original da plataforma Netflix, criada e escrita por Peter Morgan – dramaturgo britânico conhecido por escrever dramas históricos, principalmente sobre figuras políticas de destaque, como *The Queen* (2006) e *Frost/Nixon* (2009), os quais lhe renderam duas nomeações ao Oscar –, *The Crown* é uma série televisiva que narra a vida da rainha Elizabeth II. Interpretada por Claire Foy, nas duas primeiras temporadas, e por Olivia Colman, na terceira temporada, a série explora não apenas momentos políticos históricos que marcaram o reinado de Elizabeth II, mas também as questões pessoais que cercam a família real.

A obra é lançada em um contexto em que a família real ainda se mantém sob os holofotes da mídia, principalmente com o início do namoro do Príncipe Harry, neto da rainha Elizabeth II, com a então atriz estadunidense Meghan Markle, uma mulher negra e divorciada, o que gerou uma série de polêmicas e notícias referentes ao casal principalmente com todas as reviravoltas após o anúncio de casamento (2017) e a união em si (2018).

Apesar da questão do racismo em relação



à Meghan Markle existir, é válido ressaltar também que a união entre membros da família real com pessoas já divorciadas nunca foi bem vista, sendo, inclusive, motivo que levou ao Rei Edward VII a abdicar ao trono em 1936 devido a seu romance, com a também estadunidense e divorciada Wallis Simpson; tal qual a polêmica tentativa de união entre a Princesa Margaret e Peter Townsend, também já divorciado, em 1950. Ambos os casos são abordados na série, como sendo algo de grande escândalo moral mas também de instabilidade política, visto que a Rainha Elizabeth II é a chefe da Igreja Anglicana.

A série começa sua narração em 1947, mostrando as questões sobre o fim da Segunda Guerra Mundial, o início da Guerra Fria, o posicionamento britânico perante esse novo sistema internacional, as políticas internas dentro do Reino Unido, a importância da Coroa na política britânica e as questões pessoais que permeavam a família real.

A obra expõe a importância da relação das figuras políticas com a mídia. Segundo Luís Mauro Sá Martino (2011, p. 140), “políticos não estão unicamente interessados nas discussões, na deliberação e na tomada de decisões, a matéria da política, mas também nas suas imagens e na sua figura pública, os elementos relacionados com a mídia.” Nesse sentido, por exemplo, temos o televisualização do casamento da rainha, sua viagem com o príncipe Phillip aos países da Commonwealth, devido ao estado de saúde do seu pai, e os escândalos envolvendo a princesa Margaret (desde seu romance com Peter Townsend às notícias de sua traição). Assim,

Percebe-se como a mídia, a sociedade e a política estão fortemente ligadas, pois para se manter um governo estável, é preciso uma comunicação sólida, uma imagem positiva e uma visibilidade favorável. A construção e manutenção de uma imagem pública forte é essencial para manter, também, uma ligação forte com o público que decodifica as informações passadas por meio da mídia. (COLLING; CAPELARO, 2018, p. 9)

Além disso, é possível notar a família real em busca do aumento de sua popularidade, através de um *reality show*, onde assim conseguiriam um aumento em seus salários reais, por parte do governo. No entanto, como o país passa por uma crise financeira, a tentativa é vista com maus olhos, o que faz com que a família real seja considerada “mesquinha”. Como o televisualização da família real, exibido pela BBC em 1969, não repercutiu da forma esperada, o mesmo foi censurado pela própria rainha, como vemos no quarto episódio. Percebemos então que o uso da imagem através do marketing midiático é de

extrema importância para as figuras políticas, como uma tentativa de atingir seus objetivos – sejam estes angariar votos ou popularidade, como foi o caso da família real britânica. Para Martino (2011, p. 144):

O discurso da mídia é preparado para conferir a si mesmo uma aparência de realidade e credibilidade. Os processos de produção da notícia, bem como a autorrepresentação dos jornalistas, criam a impressão de separação entre a mídia e o corpo político. Essa ilusão de independência pode ser um elemento na criação de condições favoráveis para que as transformações da política na mídia passem despercebidas. Ao apropriar e ser apropriada pela esfera do entretenimento, a política se esconde sob proteção de seu antípoda: afastado de tudo o que é sério, o entretenimento seria o último lugar onde se poderia imaginar uma mensagem política – e, no entanto, é onde conteúdos políticos podem estar.

Pode-se ver também na série, a utilização dos meios de comunicação como meio de difusão da mensagem política a partir da eleição de Harold Wilson, o 1º primeiro-ministro britânico do partido dos trabalhadores, que governou entre 1964 a 1970 e entre 1974 a 1976. Sua eleição, extremamente apertada, é demonstrada pela série como sendo recebida pela família real com certo receio, visto que todos os outros primeiros-ministros eram conservadores. Apesar disso, a série retrata como a monarca consegue se dar bem com Wilson, apesar das diferenças, mostrando uma soberana preocupada com seu povo e o seu governo, independente do partido que o está governando.

Enquanto ao longo da primeira e segunda temporada acompanhamos a evolução de uma rainha nova, seus constantes questionamentos e dificuldades ao lidar com o trono e as divergências que isso causam dentro das suas relações pessoais; na terceira temporada acompanhamos uma Elizabeth mais madura, com um casamento estável e consolidado. Assim, enquanto as duas primeiras temporadas abordam mais os questionamentos pessoais da soberana, a terceira se caracteriza por narrar uma série de acontecimentos políticos e históricos de extrema importância para o Reino Unido e para a família real, sem retirar, no entanto, a característica do envolvimento pessoal que estes acarretam.

Apesar das inconsistências em alguns episódios, *The Crown* se caracteriza como uma série documental envolvente por sua narração, que busca manter certa fidelidade aos acontecimentos históricos. Além disso, a abordagem utilizada aproxima os telespectadores do lado pessoal dos personagens, frequentemente desumanizados devido a posição social, política e econômica que possuem. A série explora os personagens através de diversos aspectos, não apenas como pessoais cheias de sonhos e vontades mas também como seres que carregam um grande compromisso – as vezes considerado pelos mesmo

como fardo – com sua população e Estado, alternando entre os sentimentos que provoca no espectador, variando entre compreensão, raiva e até angústia. Entre os episódios, conseguimos nos conectar com os personagens em certos episódios, apenas para no seguinte sermos tomados de surpresa pela escolha ou posição tomada pelos personagens. O maior exemplo é a própria rainha Elizabeth: enquanto entendemos e lamentamos as dificuldades sofridas pela posição que carrega e as consequentes decisões que precisa tomar, como nos episódios 1 e 5; sua relação com o príncipe Charles já adulto, no entanto, nos mostra uma soberana ao invés de mãe, em uma relação carregada por hierarquia e obrigações no lugar de compreensão e afeto, demonstrado nos episódios 6, 8 e 9.

Além disso, a série retrata não apenas como o poder político controla e molda a família real, mas como ele conduz suas relações, sendo as obrigações da Coroa com o Estado mais importantes do que qualquer outra necessidade, principalmente as referentes aos desejos pessoais. Um exemplo claro é o episódio 5, no qual Elizabeth realiza uma viagem pessoal relativa ao seu amor por cavalos de corrida. No entanto, sua viagem é encerrada quando uma tentativa de golpe contra o governo é descoberta.

É válido ressaltar que toda produção midiática que busca narrar acontecimentos ou figuras políticas possui um objetivo por trás. No caso de *The Crown*, o objetivo mais aparente é a humanização de personagens considerados distantes. Um exemplo claro referente a esta humanização é no episódio 3, Aberfan, no qual em um vilarejo do País de Gales ocorre um acidente devido as minas localizadas na cidade. A situação se escala para uma divergência política dentro do país, devido às reivindicações da classe de trabalhadores mineiros, de extrema importância para a economia do Reino Unido. A série, nos créditos finais do episódio, alerta que “segundo àqueles próximos, a demorada resposta da Rainha ao desastre permanece sendo seu maior arrependimento como soberana.”

A tentativa de aproximação com o público também vai muito além apenas dos episódios, já que a partir da 3ª temporada a obra ganhou um *podcast* próprio na plataforma *Spotify*, onde os atores, produtores da série e especialistas sobre a família real podem dar seus relatos sobre a produção de cada episódio. É válido ressaltar que os *podcasts* se tornaram famosos mais recentemente, podendo esta ser uma clara estratégia de aproximação com o público mas

também de difusão da mensagem para mais espectadores e da narrativa que eles querem perpetuar.

The Crown aborda com profundidade as questões políticas que rondam a família real e a política britânica, tal qual a relação dos cargos ocupados pelos personagens e as conseqüentes decisões e obrigações que os mesmos precisam tomar, mesmo que isso cause algum tipo de sofrimento pessoal. A forma de lidar com a mídia, sendo narrada através de uma plataforma midiática, mostra a pressão que essas figuras políticas sofrem para alcançar uma perfeição, exigindo assim que a sua imagem pública seja vista com bons olhos. No entanto, apesar de narrar de forma mais humana e impessoal, precisamos lembrar que toda narração e produção midiática carrega parcialidade e possui um objetivo, principalmente político, a se atingir, cabendo assim nos questionarmos qual interesse seria esse.

REFERÊNCIAS

COLLING, Giovana dos Passos; CAPELARO, Julia Sousa. A visibilidade política em *The Crown*. **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 04, ed. especial, fev., 2018, p. 1 – 10. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/323483104_A_visibilidade_politica_na_serie_The_Crown. Acesso em: 25 jun 2020.

FONSECA, Francisco. Mídia, poder e democracia: teoria e práxis dos meios de comunicação. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 6. Brasília, julho - dezembro de 2011, p. 41-69. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522011000200003. Acesso em: 25 jun 2020.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Três hipóteses sobre as relações entre mídia, entretenimento e política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 6. Brasília, julho - dezembro de 2011, p. 137-150. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-33522011000200006-&script=sci_arttext. Acesso em: 25 jun 2020.